A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VANESSA GONÇALVES

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar a contação de histórias e a possibilidade de utilizar esta linguagem artística de modo que desperte a reflexão, aguçando o senso crítico do indivíduo para a realidade que o cerca. Desta forma desenvolver no educando a capacidade de imaginar a história em seu subconsciente, desenvolvendo a habilidade de recriar a história adicionando elementos pré-existentes em seu cotidiano. O objetivo desse trabalho é apresentar a importância da contação de história na educação, ensinando os estudantes a aprender através do lúdico e ampliar seus conhecimentos com fabulas divertidas e interativas. Brincar é tão importante para as crianças como o trabalho para o adulto, pois são nas brincadeiras livres ou dirigidas, que a criança expressa seus sentimentos e se transporta para o mundo da fantasia. Brincar para ela representa os símbolos e seus significados. Na perspectiva de atingir os objetivos que a brincadeira pode trazer para as crianças, é fundamental investir em leituras que aprofundem a importância da organização do tempo e do espaço em sala, bem como não perder de vistas os registros diários de todos os acontecimentos, sejam em sala de aula ou nos espaços externos, em especial dos momentos livres das crianças, onde ocorre o transporte entre o sonho e as fantasias para a vida real.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de Histórias; Senso Crítico; Palavras;
Criança; Recriar.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias como estratégia pedagógica pode contribuir significativamente com a prática docente na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Isso porque, além de educar e instruir, a contação de histórias contribui para o processo de ensino e aprendizagem (SOUZA, 2007). Coelho (2000) aponta que a criança aprende com o lúdico, jogos, brincadeiras e a história contada de forma agradável desperta o interesse do aluno para o aprendizado.

Quando trabalhada desde a infância, a contação de histórias pode estimular a leitura, como também estimular a aprendizagem acerca da decodificação do código linguístico. Segundo Bamberger (1991, p. 10) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.
Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

Várias fontes de aprendizagens podem ser desfrutadas com as histórias, contribuindo desde o incentivo à leitura e escrita até a noção de valores e sentimentos vivenciados pelo ser humano, manifestados durante a escuta de uma história. Estas noções de valores possibilitam uma reflexão da criança sobre o convívio em sociedade.

Deste modo, o docente deve propiciar momentos de leitura a fim de estimular a formação de leitores e escritores buscando interação e ludicidade na literatura infantil.

Essa possibilidade faz da contação de histórias um tema interessante para análise, que merece um aprofundamento. Afinal, essa pesquisa pode servir também de estímulo a novos narradores, além de alertar para os tipos de histórias que estão sendo contadas, de que maneira estão sendo transmitidas e principalmente com qual propósito.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Como nota Busatto (2005), para que a contação seja bem-sucedida, o narrador deve contar com o coração, de modo que se identifique com o conto e permita que o ouvinte também o faça. Acrescenta que “antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador” (BUSATTO, 2005, p. 47).
Deste ponto de vista, Busatto (2005) considera que:
O envolvimento afetivo com a história narrada permite maior flexibilidade ao narrador, pois ele poderá perceber como ela atua junto aos ouvintes, e assim conduzir a narrativa para que aquelas demandas sejam atendidas.
Cada narrador imprime sua personalidade ao

conto, priorizando passagens que mais lhe impressionam, reforçando alguma imagem que lhe toca de uma maneira especial, uma intenção que considera primordial, e isto é natural, se pensarmos na narrativa como uma atividade dinâmica que atua sobre os diferentes níveis de realidade. (BUSATTO, 2005, p. 48)

A importância da arte de contar histórias na educação infantil é inegável. Desde as fases iniciais até os cinco anos de idade, as crianças estão em um período crucial de desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Nesse sentido, contar histórias de forma cativante e envolvente pode estimular o interesse pela leitura, ampliar o vocabulário, desenvolver a imaginação, promover a compreensão de conceitos, além de cultivar valores e promover o vínculo entre adultos e crianças.

Conforme as crianças se desenvolvem, passam por distintas fases que afetam a forma como elas absorvem e compreendem as narrativas. Nos primeiros anos, por volta de um ano de idade, a atenção é volátil e a interação entre o contador de histórias e a criança deve ser direta, breve e visualmente estimulante. Livros com figuras coloridas e texturas diferentes podem atrair o interesse dos pequenos e despertar a curiosidade.

À medida que as crianças crescem, entre dois e três anos, suas habilidades linguísticas se desenvolvem e elas começam a formar frases e expressar suas emoções. Esse é o momento ideal para apresentar livros com histórias curtas e simples, repletas de emoções e personagens com os quais elas possam se identificar. A leitura em voz alta é essencial nessa fase, pois ajuda a criança a associar as palavras escritas aos sons e aprimora sua capacidade de comunicação.

Na faixa etária de três a quatro anos, a imaginação das crianças está em pleno vigor. Contar histórias com elementos fantásticos, como contos de fadas e fábulas, estimula o pensamento criativo e a capacidade de resolver problemas. Além disso, a inclusão de personagens diversos e situações que reflitam a diversidade cultural promovem a compreensão e o respeito pelas diferenças.

Entre quatro e cinco anos, as crianças estão mais conscientes de si mesmas e do mundo ao seu redor. Histórias que abordam temas como amizade, empatia, resolução de conflitos e valores éticos contribuem para a formação de uma base sólida em termos de habilidades sociais e emocionais. Nessa fase, é importante também oferecer livros mais longos e complexos, desafiando a criança a manter a atenção e estimulando o desenvolvimento da concentração e memória.

No entanto, é importante lembrar que cada criança é única e desenvolve-se em seu próprio ritmo. Algumas crianças podem mostrar interesse em temas mais avançados do que outros da mesma faixa etária, e é fundamental respeitar essa individualidade e adaptar o estilo de contar histórias de acordo com as necessidades e interesses de cada criança.

O ambiente onde a contação de histórias acontece também desempenha um papel crucial. Um ambiente acolhedor, com almofadas, tapetes e ilustrações nas paredes, ajuda a criar um clima propício para a imaginação e a concentração das crianças. Tornar a experiência interativa, fazendo perguntas e incentivando a participação ativa dos pequenos, contribui para o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e para o fortalecimento dos vínculos entre os envolvidos.

A postura corporal do narrador pode contribuir para a contação da história. O conto pode ser narrado sentado ou em pé, de modo que se sinta mais confortável, o importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, pois dessa forma o corpo se encontra mais flexível e a expressividade corporal transmite uma linguagem do corpo harmoniosa. Tais posturas externas estão relacionadas com a postura interna. “Ao se permitir internamente, fica mais fácil soltar o corpo, e estas são condições favoráveis à narrativa” (BUSATTO, 2005, p. 72).

A contação de histórias, para ter um bom resultado, deve ser realizada em um ambiente harmonioso, com um espaço físico adequado e aconchegante, de modo que o aluno se sinta confortável e interessado durante a contação. O professor ou contador precisa gesticu-

lar e expressar enfatizando os pensamentos, sentimentos e atitudes dos personagens, despertando a imaginação e sentimentos dos alunos, conforme aponta Abramovich (2005).
O professor pode utilizar de alguns recursos para enriquecer a contação, tais como: personagens de fantoches, avental com velcro, baú com alguns objetos, podem auxiliar e estimular a compreensão e envolvimento durante a história.
De acordo com Abramovich (1991) o professor/contador de histórias necessita de alguns preparos: 1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo; 2. Conhecer detalhadamente a história que contará; 3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; 4. Evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; 5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler; 6. E por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Segundo De Rossi (2003, p.23), não há uma única maneira de se escrever a História e a tarefa do estudioso da História, é saber como capturar o todo, que corresponderia ao real, determinando de múltiplos modos o momento histórico, apreendendo nas profundezas, o que designam como sua essência.
Em relação à temporalidade histórica, o conhecimento histórico se distingue de outros tipos de conhecimento pela perspectiva da temporalidade. O tempo histórico não se limita ao tempo cronológico, à sucessão linear dos acontecimentos no tempo físico. O tempo histórico é produto das ações, relações e formas de pensar dos homens e essas ações variam ao longo do tempo cronológico. Em cada tempo histórico coexistem relações de continuidade e de rupturas com o passado, bem como perspectivas diferenciadas do futuro.
Neste viés, os contos de fadas podem ser vistos como fontes históricas que nos permitem entender histórias coletivas. São realidades que foram contadas a partir de estórias que procuravam alertar sobre os perigos da vida real e a necessidade de se suportar um destino difícil, as quais foram sendo modificadas conforme a necessidade da sociedade em determinado momento histórico.
Podemos analisar a sociedade do período absolutista. Em outras palavras a sociedade que se formou na Europa durante a Idade Moderna constituiu um modelo complexo e específico de organização social, econômica e política. Longe, portanto de representar uma simples transição entre dois sistemas, ou seja, a transição do feudalismo para o capitalismo. Após a Revolução Francesa de 1789, contudo, ela passaria a ser chamada de Antigo Regime. As duas denominações – Antigo Regime e sociedade moderna – parecem contraditórias. Na verdade, elas expõem as inúmeras contradições que conviviam no interior dessa sociedade.
Por meio dos contos de fadas podemos conhecer a estrutura social dos reinos onde prevalecia a monarquia absolutista, composta por camponeses, artesãos, comerciantes e burgueses.
Tal momento pode ser conhecido, problematizando os contos de fadas, tomando-os documentos que possibilitam a investigação de determinado contexto histórico.

AS PALAVRAS ENSINANDO

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente "raciocinar".
A palavra é o grande recurso da contação de história, é por meio dela que o contador tem o poder de transportar o ouvinte para dentro do conto. "As palavras faladas constituem sempre modificações de uma situação que é mais do que verbal.
Elas nunca ocorrem sozinhas em um contexto simplesmente de palavras" (MATOS; SORSY,2007,p7).
Contar uma história faz com que permaneça viva a cultura de um povo, fixa seus costumes e passa adiante as tradições de geração para geração, dividindo o conhecimento.
Desde muito cedo ouvimos histórias, sejam elas reais ou fictícias, felizes ou assustadoras,

e essa experiência causa satisfação, curiosidade, encantamento. No caso das crianças, é um incentivo a mais no ato criador, pois adoram ouvir e inventar as suas próprias histórias, trabalhando assim a imaginação, inspirando-se na sua realidade e muitas vezes misturando-a com os contos de fadas.

São esses contos de tradição oral e/ou populares, os contos de fadas, mitos, fábulas, lendas, entre outros, que passam o conhecimento de uma pessoa para a outra. Segundo Matos e Sorsy (2007, p.3) "[...] nas culturas orais o conhecimento é armazenado na memória" [...] "e os anciãos representam a memória viva de seus antepassados". Em consequência o homem da cultura oral é metódico e teme as novidades que podem causar a perda do conhecimento ancestral do seu povo. Nós homens modernos da cultura escrita, ansiamos sempre mais por novidades, mas para o homem da cultura oral o prazer não está na novidade. A centésima repetição de um conto ou de um relato qualquer pode emocionar e surpreender o ouvinte como se ele o estivesse ouvindo pela primeira vez. (MATOS; SORSY, 2007, p.3)

E são exatamente esses homens modernos da cultura escrita, que se encantaram pela contação de histórias, encontrando novos caminhos e muitas possibilidades de utilizarem esta arte também como trabalho, sendo possível manter as raízes, mas ao mesmo tempo adentrando cada vez mais na contemporaneidade. E justamente por esta arte virar profissão, acaba surgindo cada vez mais estudos revelando novas descobertas, que aprimoram este trabalho.

Vemos que o lúdico estimula a criatividade da criança fortalecendo processos de interação e criação, contudo, o trabalho com a preservação do ambiente estreita a relação homem natureza. Literaturas sobre educação ambiental oferecem oportunidades para explorar o estudo de ciências, defende Tahan (1966), a contação de histórias promove o enriquecimento de conhecimentos sobre animais, plantas, natureza, ciências e artes.

Busatto (2005, p. 39) acrescenta que "as Ciências Naturais também serão favorecidas pelo conto, pois aqui pode-se pesquisar desde o ambiente onde este povo vive, até quem é esse povo, quais são seus hábitos, sejam eles alimentares, higiênicos, e como eles afetam este homem".

Ressaltamos neste trabalho a importância do aluno, já nos primeiros anos do Ensino Fundamental, ter contato com os conhecimentos científicos, o que pode ser feito com o auxílio da contação de histórias, pois, neste período, estará apto a construir repertórios de imagens, fatos e noções, essenciais para o estabelecimento dos conceitos científicos, o que se configurará nos terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997).

Uma possível causa deste fato é que os docentes ainda possuem aspectos tradicionais de ensino e aprendizagem, sejam por carências na sua formação inicial ou até mesmo motivos políticos e econômicos da própria Educação. Essas carências durante a formação inicial acabam trazendo o sentimento de despreparo para ensinar ciências por parte do professor que decide utilizar de assuntos cotidianos (higiene, alimentação etc.) conduzindo uma aula de forma mecânica (MENDES; TOSCANO, 2011).

Existem muitas maneiras do narrador selecionar seu material de trabalho e definir a melhor forma de contar uma história, mas isso só a experiência vai trazer. A criação e organização vão se aprimorando no dia a dia. "Então a técnica é a escolha de um determinado modo de contar, a partir de uma intenção e levando em consideração, além dos recursos internos, outros tipos de recursos que possam ser descobertos pelo contador de histórias" (MACHADO, 2004, p.74).

RAMOS (2013, p. 97) em sua dissertação de mestrado, apresenta algumas técnicas utilizadas, como por exemplo:

A simples narrativa – o contador tem como apoio a história, a voz, o corpo e o ouvinte. Aparentemente é a maneira mais fácil de contar uma história, mas exige um domínio muito maior do narrador em relação ao todo.

O uso do livro – o narrador vai contando a história e com pausas vai mostrando as gravuras aos ouvintes, que interagem não só ouvindo, mas também observando as imagens.

A palavra é o grande recurso da contação de história, é por meio dela que o contador tem o poder de transportar o ouvinte para dentro do conto. "As palavras faladas constituem sempre modificações de uma situação que é mais do que verbal.

Elas nunca ocorrem sozinhas em um contex-

to simplesmente de palavras" (MATOS; SORSY,2007,p7). Contar uma história faz com que permaneça viva a cultura de um povo, fixa seus costumes e passa adiante as tradições de geração para geração, dividindo o conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que os contos de fadas nos permitirão, como fontes, entender contextos sociais e perceber que são instrumentos importantíssimos para o desenvolvimento da criança e reelaboração de suas fantasias, encontrando soluções para seus desafios cotidianos.

Nascemos ouvindo histórias, crescemos ouvindo e contando histórias, repassamos histórias, inventamos histórias, ou seja, as histórias estão por toda parte, em todos os lugares, na imaginação da criança, no conto da vovó, na vida e na arte.

A pesquisa mostra que a arte da narrativa se faz cada vez mais presente artisticamente, e traz variadas oportunidades de abordagens e temas que geralmente podem ser trabalhados de maneira crítica, levando à reflexão. É possível afirmar que: a contação de histórias pode ser utilizada como uma ferramenta na construção do pensamento crítico do indivíduo. Porém, por ser de "fácil" domínio e muitas pessoas conseguirem utilizar de suas técnicas, está se tornando um produto comercial, o que acontece também com outras linguagens artísticas. A arte vira mercadoria. Um teatro de fuga, destinado ao prazer, no qual há uma identificação automática e alienante do espectador, bloqueando assim o despertar, impedindo-o de ir além.

Retrata também, que existem pessoas lutando para tornar a contação de história uma profissão, assim como é o teatro e que, aliás, cada vez mais essas linguagens misturam-se, a contação aproxima-se muito do teatro narrativo hoje em dia.

Acentua que há grupos agregando a esta linguagem, ao mesmo tempo, que tentam manter as origens dessa técnica narrativa, sempre somando em prol do outro e da arte.

Dessa forma, cabe ressaltar que a pesquisa traz questionamentos importantes, que vão além de poder usar a contação de histórias como um instrumento de reflexão e crítica, inclusive, faz lembrar que viver socialmente é conviver com regras ou normas, que atingem cada indivíduo de uma maneira, de acordo com sua condição social. É importante ainda enfatizar que tudo isso interfere diretamente no fazer artístico, trazendo sempre novas possibilidades e indagações.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 2. ed. São Paulo: Scipione; 1991.

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à Metodologia Do Trabalho Científico, 10. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência. In Revista Brasileira da Educação. No. 19, Jan/ Fev/ Mar/ Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf Acesso em: 10 de Junho de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Brasília:
MEC/SEF, 1997.

BRITANNICA. In Escola Online. Contação de História. Enciclopédia Escolar Britannica, 2015. Web, 2015.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis:
Editora Vozes, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil, teoria, análise, didática. 1a ed. – São Paulo. Moderna, 2000.

FRANCISCO, F. R. A contação de histórias no ensino de ciências: um recurso didático. Trabalho de conclusão de curso.

MACHADO, Regina. Acordais: Fundamentos Teóricos - Poéticos Da Arte De Contar Histórias- São Paulo: DCL,2004.

MATOS, G. A.; SORSY, I. O Ofício do Contador de Histórias. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.2.2